

Erveiros (as) do Ver-o-Peso, em Belém do Pará: um estudo etnográfico

Teresa Cristina Lopes¹

Wilcléa da Costa Lima²

Jedna Kato Dantas de Almeida (Orientadora)³

RESUMO: O Presente artigo tem como objetivo pesquisar o ambiente das barracas dos erveiros (as) do Ver-o-Peso, como um local de possível preservação e disseminação de práticas e crenças culturais de origem africana. O procedimento metodológico envolveu a pesquisa em fontes bibliográficas para o embasamento teórico sobre identidade, espaço e feiras, bem como entrevista do tipo orientada e livre e trabalho de campo nos meses de maio a julho de 2009. Este setor nos possibilitou identificar reflexos históricos de discriminações e preconceitos raciais sofridos pelos nossos ascendentes, e que se mantêm no ambiente vivido por seus descendentes, com exceções, referente a etnias e atividades relacionadas à religião de origem africana, que estão visivelmente presentes no lugar. O que nos faz refletir sobre nossas práticas diárias, tentando reconhecer a contribuição desses na nossa formação cultural.

PALAVRAS CHAVES: Ver-o-Peso; Erveiros; identidade.

¹ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará; Concluinte do Curso de Especialização em Educação para Relações Étnico-Racial- Instituto Federal do Pará - IFPA.

² Bacharelada e Licenciada Plena em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Pará; e Concluinte do Curso de Especialização em Educação para Relações Étnico-Racial- Instituto Federal do Pará - IFPA. E-mail: wilclealima@yahoo.com.br

³ Professora do Instituto Federal do Pará - IFPA, Graduada em Ciências Biomédicas pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Mestrado em Ciência Animal, com ênfase em Biotecnologia.

Introdução

O presente artigo procura entender o espaço destinado a vendas de Ervas do Ver-o-Peso⁴, como aquele que vem, através de seus vendedores, conhecidos como erveiros, que diariamente procuram reafirmar uma identidade através dos saberes aprendidos pelos seus ascendentes ao longo de gerações, os quais ainda se mantém vivo pela aceitabilidade que estes produtos têm em relação à grande maioria dos nativos da região. Produtos esses, que servem não somente para fazer simpatias, em relação ao amor ou para chamar um bom emprego... Mas também, para fazer as famosas defumações para afastar mal olhado, inveja, banhos curativos e relaxantes, rituais religiosos... Além dos perfumes, amuletos⁵, garrafadas⁶.

Nesse sentido, estudar sobre os vendedores de ervas no mercado do Ver-o-Peso, em Belém do Pará, significou compreender alguns conceitos discutidos ao longo da especialização em “Educação para as relações étnico-raciais”, em relação à identidade, ao espaço, às práticas culturais, além de saber um pouco mais da história de nossos antepassados; tudo isso implicou no contexto que escolhemos conhecer.

Interesse esse, que emergiu inicialmente, a partir de uma leitura realizada da obra “Banho de Cheiro”, da autora paraense Eneida de Moraes (1997), em que retrata memórias e práticas dos denominados por ela, caboclos amazônicos, e que buscamos identificar através dos vendedores de ervas o conhecimento aprendido em relação à manipulação das ervas.

O título da obra é referência a uma prática da região que consiste em realizar em determinados períodos do ano, mais especificamente no mês de junho, época de Santo Antônio, por ser considerado o santo casamenteiro e em dezembro, na passagem do ano, banhos tomados como um ritual, com variáveis tipos de ervas, dentre elas o Patchuli, Catinga da Mulata, Alfazema, Raízes de Priproica, Jasmim..., os quais proporcionam aromas cheirosos para atrair bons fluídos e/ou afastar coisas ruins.

Dessa forma, buscou-se entender o espaço ocupado pelas barracas dos (as) erveiros (as), a partir do compartilhamento de um saber, adquirido e reproduzido ao longo de gerações, que não foi aprendido na escola, uma vez que a educação como vimos, a partir de Fonseca (2002; 125), não é prerrogativa da mesma, já que tudo que aprendemos e sabemos em relação aos nossos valores culturais, organização social, regras e costumes, língua...; aprendemos em qualquer instância da sociedade.

Fato esse, que permitiu com que o trabalho fosse desenvolvido a partir da hipótese provável de que as memórias e práticas dos vendedores de ervas foram aprendidas através de transmissões orais, bem como na vida diária, pelo aprendizado de tarefas e observações dos comportamentos dos mais velhos.

⁴ É um dos Pontos turístico de Belém/Pará, considerada como a maior feira livre da América Latina, localizado à margem da Baía do Guajará. Um Complexo, composto por um mercado de carne e peixe, sendo a sua estrutura toda de ferro trazida da Inglaterra no final do século XIX. (Campelo, 2002; Dorotéa de Lima, 2008).

⁵ São objetos utilizados como mecanismo de proteção, para atrair sorte de diversas naturezas, como: financeira, no amor, etc.

⁶ São remédios naturais, preparados e vendidos em uma garrafa.

E a partir disso desenvolveram-se as questões norteadoras que procuraram dar suporte ao problema de pesquisa, a partir dos seguintes questionamentos.

- Como foi adquirido o conhecimento dos (as) Erveiros (as) do Ver-o-Peso?
- Existe uma preocupação dos (as) Erveiros (as) em preservar os seus conhecimentos?
- De que maneira os (as) Erveiros (as) preservam as suas identidades?

A partir dessas inquietações levantadas, este estudo passou a ter como objetivo geral.

- Pesquisar o ambiente das barracas dos erveiros(as) do Ver-o-Peso, como um local de possível preservação e disseminação de práticas e crenças culturais de origem africanas.

E como objetivos específicos.

- Estudar a origem do conhecimento adquirido em relação aos saberes tradicionais que são disseminados pelas (os) erveiros (as) no mercado do Ver-o-Peso.
- Verificar se existe alguma preocupação dos (as) vendedores (as) de ervas em preservar essa cultura.
- Observar de que maneira se contribuiu para a manutenção da identidade dos (as) erveiros (as) do Ver-o-Peso.

Os procedimentos metodológicos utilizados, a fim de contribuírem com a construção deste estudo, partiram de uma revisão de fontes bibliográficas sobre os temas identidade, espaço e feiras, para entender esse universo que retrata a peculiaridade da região amazônica presente no setor dos (as) erveiros (as) do Ver-o-Peso.

E, a fim de aprimorar o embasamento teórico sobre a temática, nos orientamos a partir da escola hermenêutico-dialética, por esta não analisar tecnicamente os dados da pesquisa, mas sim os dados da realidade, o caminho a ser percorrido para compreender, a partir da teoria e da prática, conforme Minayo (2000), *a realidade a ser penetrada*. Além disso, a pesquisa foi qualitativa, pois esta só poderá ser aprendida através da *aproximação, observações e entrevistas*. (*Idem*).

É um estudo etnográfico, uma vez que a intenção foi descrever os fenômenos observados no setor de ervas, na feira do Ver-o-Peso, a partir do que diz Malinowski (1978:29) *em sua plena realidade*, uma vez que não se consegue entender o que é significativo para uma sociedade que queremos compreender, somente com aplicações de questionários e análises de dados.

Dessa forma, o estudo pretendeu, de acordo com DaMatta (1987), relativizar as falas a fim de compreender a relação dos saberes e práticas culturais que são

cultivados pelos (as) vendedores (as), com o intuito de compreender a construção da identidade, a partir da relação que é estabelecida no local.

Para que pudéssemos entender tal contexto, realizamos dez (10) entrevistas do tipo, estruturada (ou orientada) e focalizada (ou livre) durante quinze (15) visitas realizadas em campo, nos meses de maio a julho de 2009.

Como critério para fazer a seleção dessa amostragem, tivemos como ponto de partida o contexto que encontramos no mercado, pois constatamos que este setor possui uma população de 102 erveiros (as),⁷ incluindo os ajudantes, segundo Dorotéia de Lima (2002), o que nos possibilitou selecionar 10% desse universo, o equivalente a um total de 10 erveiros (as).

É importante salientar que ao nos identificarmos como pesquisadoras, inicialmente, nenhum (a) dos (as) erveiros (as) quisera conversar conosco, o que nos fez pensar em Beth Cheirosinha, por estar constantemente na mídia, foi através dela que fomos apresentadas a outros erveiros(as), fazendo-se assim as entrevistas sucessivamente, por apresentações.

Desse modo, buscou-se compreender esta realidade, a partir do que nos explica Duarte Júnior (1988), sobre a importância de entender contextos que são considerados ilógicos e sem importância por aqueles que não o conhecem, ou não o vivenciam, e assim perceber significações múltiplas que partem dos mais variados significados.

Mas, para adquirirmos essa tentativa de compreender esta realidade, precisou-se assumir a postura do trabalho antropológico, pois segundo Cardoso de Oliveira (2000), o antropólogo, antes de ir a campo, precisa exercitar a sua capacidade de olhar, ouvir e escrever para que consiga filtrar o que é significativo para as pessoas que vivenciam aquilo que estudamos.

Exercício esse, necessário, para que em meio a climas de amizade, cumplicidade, e conflitos, que fazem parte das relações sociais, conseguíssemos com êxito realizar o nosso estudo, conhecendo um pouco dos atores sociais que, em um pequeno espaço do mercado do Ver-o-Peso, possibilitaram-nos conhecer, vivenciar e compartilhar essa herança deixada pelos nossos ascendentes.

Uma breve discussão histórica sobre o preconceito e a discriminação Étnico-Racial

Discutir sobre essa temática, neste momento específico da história, ainda é uma tarefa árdua, mas que nos possibilita conhecer e entender, na medida do possível, a diversidade étnico-racial que está presente não somente no Estado do Pará, mas também no Brasil e no mundo, além de respeitá-la em relação as suas especificidades. Novos paradigmas das relações raciais, em trabalhos realizados por

⁷ Sobre esse dado não se tem informação exata, segundo a Vice-Presidente da associação, em relação a quantidade de ajudantes homens e mulheres. O que se sabe é da disponibilidade de barracas por sexo. O que nos permitiu conversar proporcionalmente com os homens e as mulheres, uma vez que se imaginava, no primeiro momento, que o setor fosse restritamente ocupado por mulheres.

Mota (2003) no Brasil, durante o século XX, possibilitou-nos ficar atentos na maneira com que foi sendo constituída essa identidade.

A esse respeito Florestan Fernandez, apud Motta (2000), nos fala sobre o fato de não acreditar na existência de relações entre raças e sim de classes, desconsiderando a possível mobilidade social de uma classe, se não fosse por meio do fator econômico.

Enquanto Freyre (1933), procurando analisar a formação do povo brasileiro, pautado em um sentimento de confraternização com a diversidade racial, como se vivêssemos em uma democracia, foi um fator importante para observarmos a não percepção do autor frente à discriminação e o preconceito racial presente de maneira velada na sociedade brasileira.

Contexto esse que observamos estar presente no posicionamento das pessoas na maneira de classificar e associar determinadas profissões e/ou funções sociais com a “raça” e a classe social que o indivíduo pertence, desconsiderando o valor da atividade desempenhada na vida desses profissionais, como é o caso dos (as) Erveiros (as) do Ver-o-Peso.

Presenciamos tanto na história, quanto nas teorias referentes à “raça”, que surgiram no final do século XVIII e início do século XIX, segundo Giddens (2005), justificando a expansão e influência européia pelo mundo, através das grandes potências imperiais, da dominação e da exploração de populações e territórios. O que contribuiu para que essa mentalidade fosse repassada ao longo das gerações.

Fato que emerge a partir da idéia defendida pelo Conde Joseph Arthur de Gobineau, também conhecido como “pai do racismo moderno”, a partir das diferenças e superioridade presente entre o que ele classificou de três raças: Brancos (Caucasianos), negros (Negróides) e amarelos (Mongolóides). Em que, segundo Gobineau, a raça branca era a mais inteligente, superior. Giddens (2005).

Buscar compreender o conceito de “raça” presente em nosso cotidiano requer cuidado, pois dependendo do ponto de vista de cada cientista, poderá ou não utilizar a palavra em suas análises. Isso começa pelo simples fato da palavra ser contraditória no seu uso cotidiano e não ter uma base científica. Daí o motivo pelo qual existem, por exemplo, Cientistas Sociais que abandonaram esse conceito por acreditarem que não existem raças humanas, mais sim uma variedade de diversidade étnica que é tão grande quanto à diversidade genética; enquanto há outros que discordam, pois acreditam que o conceito de raça mesmo sendo contestado possui significado para muitas pessoas, por isso a necessidade de continuar utilizando-o, só que entre aspas, a fim de refletir sobre seu uso. Giddens (2005: 205).

Barbujani (2006), a partir desse cenário, nos possibilita pensar nas inúmeras identidades étnicas presentes em fronteiras que são cotidianamente criadas, onde muitas delas são simbólicas, tendo como intuito identificar que ali existe um determinado grupo étnico, que são diferentes fisicamente e biologicamente, porém a relação que passam a ter com o solo possibilitam construir certa identidade que os fazem ter força para lutarem contra aqueles que possuem uma identidade distinta a deles, ou seja, verificamos aqui que a cultura, a língua, a religião... tem muito mais valor que uma característica física. Por isso, o autor nos diz que *as pessoas de*

origens e culturas diferentes se entreolham com desconfiança, ou se ignoram ostensivamente.

O que, até certo ponto, é aceitável, pois precisamos procurar viver com a diversidade étnica, respeitar o outro, independentemente de sua cor ou “raça”. Mas o que o autor quer nos fazer enxergar é que por conta dessas infundáveis diferenças, hoje convivemos com práticas preconceituosas e racistas e muitas vezes são tratadas como atitudes normais.

São essas situações que vão muito além de aceitarmos ou discutirmos que somos diferentes, mas em práticas e atitudes como a xenofobia e o próprio racismo acabam tendo como conseqüências as chamadas “guerras étnicas”, que não chegam a um confronto armado, mas possibilitam a exclusão daqueles que são diferentes de nós. Essa exclusão vai desde a dificuldade do acesso às necessidades básicas como, emprego, educação e saúde, e a própria terra, que são essenciais para a vida de qualquer ser humano, e a manutenção de suas identidades étnicas, até o total desrespeito e indiferença. Atitudes essas que estão além da cor da pele, estão também na diferença de classe social, e em alguns casos não deixam de estar associados.

Discutir sobre o emprego ou não do termo “raça humana” vai muito além dos estudos realizados pela genética e a antropologia, pois, segundo Giddens (2005), nenhuma definição dada à identidade humana vai confirmar que ela tem a ver com os genes. Isso não deixa de ser uma verdade, observando o que diz Azevedo (1990) se formos olhar a história da humanidade, o surgimento do homem como espécie veremos que havia uma locomoção dos mesmos para que pudessem se alimentar, o que possibilitava o encontro entre os nômades, a mistura de ambos.

Vimos que com a expansão do império romano, a população européia já havia entrado em contato com outros povos que já haviam sido também misturados. Logo, confirmamos o que Azevedo (1990) nos disse, que é um erro pensarmos que um dia existiu uma “raça” pura e pensar na possibilidade de classificação da raça humana é um mito.

Não devemos esquecer de que cada um desses povos ao migrarem de um lugar a outro levaram consigo a herança de seus antepassados, que culminou para que hoje tenhamos a *biodiversidade humana*, mais um elemento para nos fazer pensar sobre nossas práticas cotidianas. E assim procurarmos aceitar de fato a nossa miscigenação, pois como bem disse Barbuji (2006), se formos percorrer *nossa genealogia descobriremos que nossos antepassados eram todos africanos*; além disso, sabemos que nossos genes determinam os aspectos de nossas aparências.

Assim, não existiria o porquê de estarmos em pleno século XXI discutindo ações afirmativas para acabar com essas atitudes que são históricas, com o discurso de que temos um compromisso com esses povos, como se não fizessemos parte deles, pois o que presenciamos, por exemplo, em nível de Brasil ao longo da história foi que já chegamos há um tempo, sem falar na escravidão, o período em que se pensou, segundo Mota (2003) em *estratégias baseadas na limpeza racial, tendo em vista o “progresso do homem brasileiro”*, para isso o estado procurou, no início do século XX, com a ajuda da classe dominante e de representantes sanitaristas, providenciar não somente higienizar a cidade, por conta da urbanização desordenada

que culminou na propagação de doenças, mas também em equilibrá-la com a política do branqueamento.

Mota (2003) nos explica que foram criadas as leis eugênicas, que previam uma política de controle de natalidade a fim de impedir uma tragédia nacional (grifo nosso), uma vez que a intenção era *lutar para a restauração nacional*. Mas veremos que não foi tão fácil assim resolver tal problema, pois tinha o fator hereditariedade, além da miscigenação de negros e índios com os brancos, que agora precisariam mais do que nunca de uma ação árdua entre sanitaristas e eugenistas para impedir a proliferação das “raças” inferiores, já que o propósito era formar um novo Brasil que para ser rico e próspero deveria ter uma população ideal; caso contrário, o Brasil caminharia para a degeneração racial e moral.

O estado também contou para colaborar com sua política de branqueamento, o incentivo à imigração. Esta que iria contribuir juntamente com as leis eugênicas e com os estudos feitos com as leis de hereditariedade, que segundo esta, a partir da quarta geração já seria possível extinguir com qualquer vestígio de influência negra e assim proporcionar gradativamente o tão sonhado processo de limpeza racial. Giddens (2005).

Vimos então, a necessidade de estarmos analisando, a partir desse contexto histórico, a nossa própria realidade, com o intuito de entender a cultura de nossos ascendentes que para continuar viva, precisou da valorização e resistência de seus descendentes.

Conhecendo o ambiente dos (as) Erveiros(as)

“Diga meu amor!

Diga freguesa!

Diga querida! Do que você precisa, temos aqui...!”

É nesse ambiente descontraído, repleto de entusiasmo, alegria que o freguês é recebido no setor das ervas no Ver-o-Peso. Sem falar no cheiro de mato e patchulin que toma conta do ambiente, o que faz o freguês por curiosidade e/ou necessidades, seja ela qual for, aproximar-se de uma das 80 (oitenta) barracas, com 102 (cento e dois) erveiros (as), dentre eles os ajudantes. Dorotéia de Lima (2008).

Ao entrarmos em campo surgiram dúvidas do tipo: Em qual barraca ir? Não seria melhor comprar: um pouco aqui e depois ali, para que ninguém ficasse chateado? A partir desses questionamentos buscamos, no que diz Malinowski (1978), registrar as primeiras *impressões* e *angústias* presentes no decorrer do trabalho etnográfico.

Contexto que permitiu chegar a um lugar, onde a predominância é feminina, tendo 50 (cinquenta) barracas ocupadas por elas, porém foi possível verificarmos a presença masculina, com 30 (trinta) barracas.

Em relação a isso, observamos que os homens possuem uma maneira diferente de tratar seus clientes, em relação às mulheres. Sendo esses, mais recatados, menos expansivos.

Além disso, notamos também que a presença do sexo, seja ele masculino ou feminino, reflete na ornamentação das barracas. As das mulheres, em sua grande maioria, são mais enfeitadas. Muito embora, é importante salientar, que nem todos os feirantes vendem as ervas naturais, preferindo trabalhar com o produto beneficiado⁸, ou seja, produzidos por eles mesmos. (Ver foto 01)



Foto1: Barraca de Ervas do Ver-o-Peso
 Fonte: <http://images.google.com.br>

Mas todos parecem ter seus clientes fixos, que ao chegarem, mesmo não tendo o que precisam, o vendedor vai atrás para agradá-lo. Este só sai de mãos vazias se não tiver em nenhuma outra barraca.

O que nos chamou atenção foi o fato do vendedor, naquele espaço, ser, além de um comerciante, um amigo confidente. Que para o freguês se sentir à vontade, logo lhe é cedido um banquinho, e se o assunto a ser tratado for segredo, pede-se licença para quem estiver por perto e os dois, vendedor e freguês, vão para trás da barraca. E se for o caso, o vendedor até despista o filho, o marido, o neto do freguês. Dependendo do que for, pode deixar por conta da criatividade do feirante, ele sabe o que fazer pra ajudar o seu freguês/amigo nessa hora.

Dizer para que serve a erva, a sua finalidade, é algo que só diz respeito ao freguês que está comprando. E ao perguntarmos como se faz o chá, o banho... tudo é

⁸ Refere-se a maneira como os erveiros (as) vendem seus produtos, geralmente em garrafas produzidos por eles mesmos, tais como: Perfumes, garrafadas e banhos.

explicado rapidamente, e sem muito detalhe. Como éramos novas no lugar, notamos certa desconfiança dos interlocutores. Principalmente na hora de pedir para gravar a entrevista. A pergunta chave de um dos interlocutores durante a entrevista: *“gravou para que serve essa erva, além dessa, ela também tem outras funções e nomes, depende muito do lugar”*.

Foi com essa desconfiança que, mesmo nos tratando bem, percebemos ainda nos seus gestos, olhares e atitudes, certo receio. Tanto que ao nos aproximarmos para perguntar se podiam conversar conosco, as reações eram diversas, uns se escondiam, outros respondiam que não dava; estava com dor de cabeça, iam precisar dar uma saidinha, estavam ocupados... Por conta disso, resolvemos procurar Dona Beth Cheirosinha, e esta gentilmente, após conversar conosco, nos acompanhou até outra barraca para pedir que um colega, Seu Tião, conversasse conosco. Ele se mostrou uma pessoa muito solícita, pedindo que seus colegas nos dessem um minuto de atenção, servindo como nosso intermediário.

Num determinado momento da pesquisa a vice Presidente da Associação, dos (as) erveiros (as), nos solicitou um ofício da instituição em que estudamos (IFPA) para justificar o objetivo do estudo. Ela alegou que tiveram problemas com alguns pesquisadores, pois estavam se apropriando das informações obtidas e direcionando-as para outros fins.

O estudo se desenvolveu com dois tipos de entrevistas: 1) Estruturada (ou orientada) e 2) Focalizada (ou livre), com dez (10) dos cento e dois feirantes (102), sendo nove (09) desses indicados por seu Tião e um (01) por Dona Beth Cheirosinha. A partir do seguinte roteiro:

- a) Que Religião pertence;
- b) Com que etnia se identifica;
- c) Há quanto tempo trabalhavam no Ver- o- Peso;
- d) Há quanto tempo trabalhavam nesse setor das ervas medicinais;
- e) Como e quando se interessaram em exercer essa atividade;
- f) Com quem aprenderam esse ofício;
- g) Quem são os maiores consumidores dos produtos comercializados por eles;
- h) Se já sofreram algum tipo de preconceito por trabalharem com ervas;
- i) E o que acham de serem denominados muitas vezes por feiticeiros;

Dificuldades encontradas para realizar a pesquisa de campo já eram previstas, pelo próprio tempo que tínhamos, uma vez que precisávamos de mais tempo para conhecer o campo e iniciar o estudo. Mas como isso não era possível pela própria duração do curso de especialização, necessitávamos correr contra o tempo, assim, uma das maneiras encontradas para se estabelecer uma relação com os feirantes, foi comprando inicialmente alguns produtos.

Como qualquer freguês, acabamos por escolher por afinidade o nosso vendedor “predileto”. O que não nos impedia de comprar com outros vendedores. Contexto esse que nos permitiu observar o comportamento de alguns dos vendedores com a nossa chegada ao setor. Alguns, com o passar do tempo, passaram a nos aceitar, parecendo que a nossa presença não os incomodava mais.

Nós não trazíamos mais tanta *curiosidade* e *alarme*, todos já sabiam o que estávamos fazendo ali. Ao chegarmos, continuavam costumeiramente fazendo as suas chamadas rotineiras, mas com a troca de olhares entre eles, já sabiam as barracas que iríamos parar. E isso, em alguns momentos, ainda nos trazia certo desconforto, pois alguns nos cumprimentavam, enquanto outros ainda nos viam como *elementos perturbadores*; Segundo Malinowski (1978), que vivenciou a mesma sensação ao estudar na ilha de Trobriand no início do século XX, tais reações são comuns para aqueles que se aproximam de uma comunidade para estudar, pois para os nativos, o pesquisador não deixa de ser um indivíduo intrometido, curioso, que quer saber tudo sobre suas vidas.

Situações estas vivenciadas, que foram levantadas a partir da utilização do diário de campo com os registros das conversas informais, além da máquina fotográfica e do gravador, instrumentos indispensáveis para as informações coletadas.

O Perfil dos Interlocutores

O Perfil dos trabalhadores e trabalhadoras do setor das ervas do mercado do Ver-o-Peso, os quais foram nossos interlocutores, estava entre eles, o proprietário da barraca e/ou o ajudante, sendo estes retratados no quadro a seguir. Num total de 10 (dez) pessoas, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, com faixa etária que variou de 19 (dezenove) a 58 (cinquenta e oito) anos de idade.

Quadro 01: Perfil dos interlocutores

Nº de ordem	Tempo que trabalha no Ver-o-Peso	Sexo	Idade	Religião	Etnia	Naturalidade	Com quem aprendeu o ofício?	Já sofreu preconceito por trabalhar com ervas?
01	23 anos	M	46 anos	Católico	Negro	Paraense	Pai	Não
02	16 anos	M	33anos	Católico	Branco	Tocantinense	Com uma das Erveiras	Sim
03	23 anos	M	47 anos	Católico	Pardo	Paraense	Mãe	Sim
04	25 anos	M	39 anos	Católico	Morena	Paraense	Com os Pais	Não

05	12 anos	M	19 anos	Católico-Filho de Santo	Pardo	Paraense	Mãe	Não
06	30 anos	F	48 anos	Católico	Morena	Paraense	Mãe	Não
07	20 anos	F	49 anos	Católico	Parda	Paraense	Mãe	Não
08	25 anos	F	42 anos	Católico	Parda	Paraense	Com a família	Não
09	25 anos	F	49 anos	Católico	Branca	Cearense	Mãe	Não
10	43 anos	F	58 anos	Católico	Marrom	Paraense	Mãe e Avó	Não

A partir da observação do perfil dos entrevistados, verifica-se que a grande maioria são filhos ou netos de erveiros (as), que continuam exercendo a atividade de seus ascendentes, na sua grande maioria porque gostam e alguns por não terem conseguido outra atividade.

Dos entrevistados 60% disseram que aprenderam o ofício com a mãe, 10% com o pai, 10% com os pais, 10% com a família, desde que começaram a frequentar o setor, na sua grande maioria ainda criança, e 10% aprendeu a sua atividade com uma das erveiras, a dona Beth Cheirosinha. O que nos possibilita observar que são diferentes as maneiras com que se começou a desenvolver tal ofício, porém nota-se que há o predomínio de se passar o conhecimento de pais para filhos. Podendo-se então dizer que o tempo que trabalham no Ver-o-Peso variou de 12 (doze) a 43 (quarenta e três) anos.

Estes que são na sua grande maioria paraenses, nascidos em Belém, cujos pais são do interior do estado, e que chegaram a casar-se com Indígenas, Tocantinenses, Maranhenses, Portugueses e Turcos. Fato esse que nos possibilitou verificar que este lugar não é restritamente habitado por paraenses, pois também identificamos vendedores que vieram para Belém à procura de emprego, e encontraram no mercado do Ver-o-Peso, mas especificamente no setor das ervas, a oportunidade de trabalharem, em alguns casos, como ajudantes e com o tempo conseguiram adquirir a sua própria barraca.

Quanto à religião, todos se declararam Católicos, o que nos chamou atenção, pois achávamos que as pessoas iriam declarar-se como pertencentes a religiões de origem africana (Umbanda e Candomblé). Porém, diferentemente das demais perguntas, estes não gostavam de falar muito e eram enfáticas em suas respostas, não permitindo, com raras exceções, que aprofundássemos na questão.

Em relação à etnia, 40% dos entrevistados declararam-se pardos, 10% negro, 10% marrom, 20% Morena e 20% brancos. Casos interessantes, pois aqueles que achávamos que iriam se autodenominarem negros, diziam que eram pardos e vice-versa. Além de ficarem por alguns segundos se auto-analisando antes de darem a resposta.

Outro fator diz respeito ao fato de já terem sofrido algum tipo de preconceito e/ou discriminações por serem vendedores de ervas, 80% disseram que não, e 20% disseram que sim.

O que nos permitiu, em uma de nossas visitas ao Ver-o-Peso, ver um turista mostrando sua máquina fotográfica à família, dizendo com risos, próximo as barracas: *Olha a foto dessa macumbeira*. Fato que presenciamos, e assim confirmamos, lamentavelmente, uma atitude de discriminação e preconceito com os (as) trabalhadores (as) erveiros (as). Identificamos, não só a partir dos relatos de alguns dos interlocutores, que os preconceitos ainda existem, mesmo que não dêem importância; mas também pela cena presenciada.

Sendo esta uma das demonstrações, assim como piadas de mau gosto, muito comuns no local, de pessoas que passam dizendo que o ambiente está fedendo, e de pessoas, com raras exceções, segundo os próprios vendedores, como os evangélicos, que os denominam de feiticeiros. Sobre este assunto, nos falam:

Eu levo tudo na base da brincadeira, tiro por menos, mas abala de uma certa forma, acaba mexendo. Para o meu entendimento, o feiticeiro para mim é totalmente diferente de curandeiro, que é aquele cara que você vai lá com uma espinha quebrada, uma fratura no braço, e ele coloca no lugar (...) nos moldes primitivos dele; ele te cura. E o feiticeiro não, ele é o cara que tu vai lá e ele mexe os pauzinhos dele, faz suas práticas e muitas vezes... (Não concluiu). (João Silva, 47 anos).

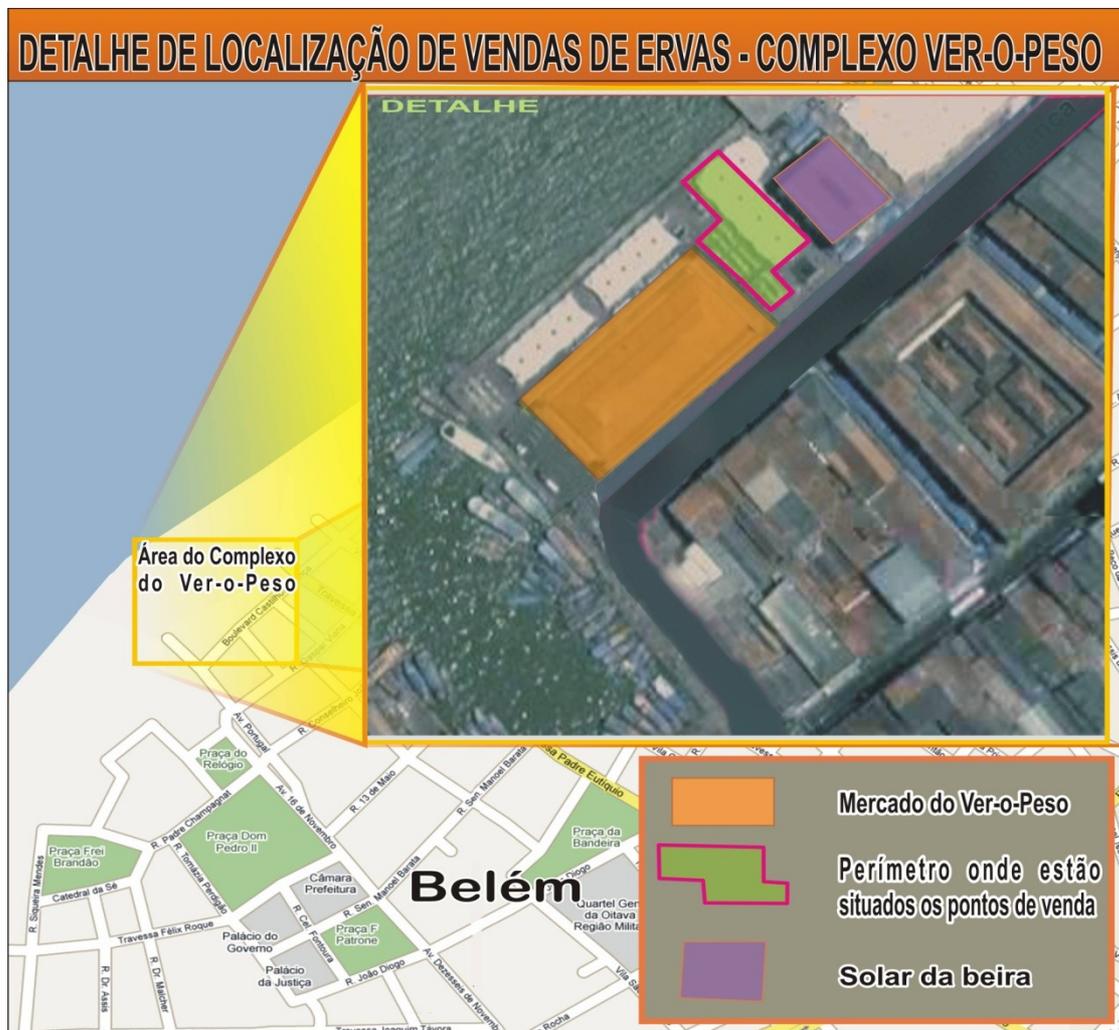
Muitas das vezes os crentes tem essa mania de desqualificar a Umbanda, mas isso aqui é erva medicinal, são plantas que curam as doenças. Até eles mesmos precisam (...) acabam vindo comprar aqui comigo (...). Logo no começo passavam uns crentes ai abanavam o nariz dizendo, Credo! Tá fedendo! Credo em Cruz! Mas eu não liguei! Hoje em dia eles mesmos vêm aqui atrás de Copaiba, Andiroba (...). O que eles não compram é material de magia negra, negócio de Umbanda, banho, eles não compram, mas os *olhos* medicinais, eles compram. (Beth Cheirosinha, 58 anos).

A partir desse cenário, passamos a entender o motivo pelo qual alguns desses trabalhadores de ervas, foram levados a terem receio em falar sobre religião e até mesmo em definir suas etnias, pois de acordo com Sousa (2000:131) devemos ver a feira, mais especificamente, como *um prolongamento da sociedade*. Logo, não como um lugar restritamente econômico, onde são estabelecidas as trocas comerciais (mercadoria X dinheiro), mas também como um lugar onde se estabelecem *trocas culturais*. Melo (2000: 109).

O lugar das Ervas Medicinas no Ver-o-Peso

Localizado entre o Mercado de Peixe e o Solar da Beira, o setor das Ervas fica disposto paralelamente à Baía de Guajará e a Avenida Castilho França. As barracas ficam dispostas em quatro fileiras paralelas, unidas pelos fundos; duas de suas frentes voltadas para a principal via de acesso, e duas externas, ficando uma de frente para o Mercado de Peixe e a outra ao Solar da Beira. Setor constituído por 80 barracas administradas tanto por homens como por mulheres, sendo as mulheres a maioria.

Localização de Vendas de Ervas



Mapa 1 – Mapa localização dos ervaes.
 Fonte: João Marques, 2009.

Local de grande atrativo não somente para os turistas, que são atraídos pelo exótico, como também, pelos próprios paraenses, alguns membros e/ou simpatizantes

da religião afro-descendente, segundo relato de um dos vendedores. É durante as tradicionais festas que há maior procura pelas ervas (mês de junho, véspera de São João, e em dezembro, no último dia do ano). Períodos esses que o banho cheiroso se torna indispensável para muitos paraenses.

Estudar o setor destinado a venda de ervas do Ver-o-Peso, significa buscar compreender a presença dos saberes culturais africanos neste espaço, e até que ponto é mensurado pelos erveiros e erveiras como sendo esses, parte de sua identidade, pois conforme nos disse Hall (2000: 60): *Cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada*. Permitindo, com isso, que chegássemos a acreditar que fazemos parte de uma democracia racial, e assim nos impediu historicamente que admitíssemos em alguns momentos a nossas identidades étnico-raciais.

Vimos através da pesquisa de campo realizada, entre dez dos cento e dois vendedores deste setor, que tanto seus saberes, como as barracas da feira, e suas experiências de trabalho foram transmitidos ao longo de gerações.

Desde criança, minha mãe já me trazia para cá, três, quatro anos. Isso aqui era de minha avó que faleceu com 115 anos. Eu não sei quanto tempo ela trabalhou, mas aprendi muita coisa com ela... (Beth Cheirosinha, Setor de Ervas, maio/2009).

Vim para cá com 05 anos. Eu me interessei porque isso aqui foi uma passagem de geração a geração. Sou ajudante, trabalho na barraca da minha mãe (...) me sinto muito satisfeito de trabalhar aqui na feira do Ver-o-peso. (Laécio Dias, 19 anos).

A minha mãe trabalha aqui há muito tempo. E devido o tempo ir passando, ela foi adoecendo. Ela precisava de ajuda e eu já vim para cá. Deixei os meus estudos. Eu fazia magistério. A minha avó era descendente de Português, e eu não sei se ela sabia trabalhar com isso, já conheci a minha mãe trabalhando aqui. A minha mãe é paraense e o meu pai é descendente de índio. (Edna Maria, 49 anos).

Esse contexto nos permite pensar na relação que há entre território e a identidade, diante do que nos faz pensar Souza; Pedon (2007), no território como uma área delimitada em que valores sentimentais são construídos a partir das relações sociais que serão estabelecidas e a identidade como um conjunto de caracteres próprios e exclusivos de determinado grupo de indivíduos que os farão serem diferentes de outros grupos. Podemos então dizer que existe uma relação entre ambos os conceitos, no momento em que indivíduos são capazes de construir socialmente um lócus peculiar de acordo com a vivência, língua, tradições... que são específicos de cada grupo social.

Dessa forma, podemos dizer que a identidade afro-brasileira se constitui por grupos de pessoas que procuram em um mesmo espaço compartilhar de uma mesma idéia, cultura, valores e até mesmo histórias, como foi o caso dos escravos fugitivos que procuraram construir um novo espaço, os quilombos, onde pudessem viver livremente e assim tentar, como hoje vem fazendo seus descendentes, afirmar ou

reafirmar uma identidade que foi por muito tempo impedida de ser manifestada; reprimida, como foi o caso de suas práticas religiosas e manifestações culturais. Anjos (2007).

Como podemos ver também a questão das Ver as Ervas - Uma associação sem fins lucrativos dos Erveiros e Erveiras do Ver-o-Peso, criada em julho de 2006, já existindo antes desta data, como uma forma de estarem organizados para tentarem proteger seus conhecimentos. Porém, esta só foi de fato regularizada a partir do incidente ocorrido com a empresa de Cosmético "Natura". Dorotéa de Lima (2008); Soares (*Mimeo*).

Fato que nos permite pensar na importância das histórias e conhecimentos desses feirantes como uma forma de conhecer um pouco da nossa história, pois como vimos ao longo da pesquisa, tais aprendizados deram-se não somente na maneira de manipular as ervas, mas também na forma de tratar o cliente, o freguês. Este que, como vimos, é o responsável pela perpetuação dessa cultura e manutenção dessa identidade, no momento em que compram e acreditam na eficácia de tais produtos que servem, não somente para fins medicinais, religiosos, como para perfumes, banhos para dar sorte, atrair o amor, e também para afastar o mau olhado.

As Ervas e a religião Afro-Brasileira

Entender a relação que há entre as ervas e a religião afro-brasileira⁹ neste setor, não foi uma tarefa fácil, uma vez que os vendedores são enfáticos ao dizerem que só vendem as mesmas para fins medicinais. Embora tenhamos observado que estas são utilizadas para outros fins, como os religiosos. Constatamos a presença de algumas dessas plantas, raízes, cascas e frutos, que são utilizadas nos cultos de origem africana, como a Umbanda¹⁰ e o Candomblé¹¹, através de um trabalho de identificação, com um dos feirantes, que nos possibilitou constatar que dependendo da região, estas assumem diferentes denominações.

Na tabela abaixo, visualizamos algumas dessas Plantas (Ervas), cascas e frutos, com suas possíveis funções¹² e relação com os seus respectivos Orixás¹³.

⁹ É uma mistura dos cultos dos Orixás aos Santos Católicos, acompanhado da assimilação de preces, devoções e valores Católicos, para assim, os negros africanos, passarem a serem considerados brasileiros. (Prandi, 2004).

¹⁰ É uma religião que nasceu no início do século XX, no Rio de Janeiro, sendo está uma síntese do Candomblé transplantado da Bahia, juntamente com o Espiritismo Kadecista, chegado da França no final do século XIX.

¹¹ Religião trazida da África, pelos negros lorubas, que teve origem na antiga cidade de Ifé, localizada ao sudoeste da atual Nigéria. Para (Prandi, 2004), esta é uma religião brasileira dos Orixás e outras divindades africanas que se constituíram na Bahia, no século XIX.

¹² Funções estas que foram extraídas de sites específicos no assunto, que podem ser consultados na referência bibliográfica, uma vez que os feirantes, não gostam e não são autorizados através de sua associação, a fornecer este tipo de informação.

¹³ São ancestrais divinizados do Candomblé.

Quadro 02: Nome popular das ervas com suas relações com os Orixás e suas respectivas funções.

Nº	NOME POPULAR DAS ERVAS	RELAÇÃO DAS ERVAS COM OS ORIXÁS E SUAS RESPECTIVAS FUNÇÕES.
01	Alecrim de Angola	Planta de Oxalá, usada em banhos de Amaci, em defumações, Amuleto. Afasta os fluidos negativos e atrai proteção.
02	Alfavaca	Banho de purificação e erva de Oxalá e Xangô - usado em defumação para afastar espíritos obsessores e atrair proteção.
03	Alfazema	Evita influências negativas, além de limpar espiritualmente as pessoas e ambientes.
04	Aroeira	Nos terreiros de Candomblé este vegetal pertence a Exu e tem aplicação nas obrigações de cabeça, nos banhos fortes de descarrego e nas purificações de pedras. Apressa a cura de feridas e úlceras.
05	Arrebenta-Cavalo	No uso ritualístico esta erva é empregada em banhos fortes do pescoço para baixo, em hora aberta. É também usado em magias para atrair simpatia. Não é usada na medicina caseira.
06	Arruda	Usada em amuletos, figas, banhos de descarga, coroação de médiuns na umbanda, usado nas casas contra mal-olhado, afasta maus fluidos e projete contra magia-negra.
07	Bambú	Defumação.
08	Babosa	Depois de seca, usada como defumação.
09	Brinco de Princesa ou Pingo de Ouro	Exu. Banho de descarrego.
10	Capeba	Òxoosí, Xangó, Yemonja, Òxun, Oya e Nàná.
11	Cajueiro	Exu, as folhas para sacrifício de animais de quatro patas.
12	Catingueira	Exu. Banho de descarrego.
13	Cidreira	Possui a virtude de aumentar a intuição, favorecendo desenvolvimento mediúnico.
14	Cipó Cruz	Usado em banhos e defumações. Afasta fluido maléfico e espíritos

		obsessores.
15	Colônia	lemanjá. Obrigações.
16	Cordão de Frade ou Cordão de São Francisco	É aplicada somente em banhos de limpeza e descarrego dos filhos de orixá. O povo a indica para a cura da asma, histerismo e pacificador dos nervos.
17	Cravo da Índia	Usado para Banho e defumação.
18	Datura	Espécies botânicas conhecidas desde épocas remotas, pois eram muito usadas pelas feiticeiras européias e pelos Xamãs da América do Sul, além dos índios Uaqui do México, os quais, sob a ação dessas plantas, experimentam a sensação de voar.
19	Erva Santa ou Japana	Também carqueja é de Inhasã.
20	Espada de São Jorge ou Espada de Ogumou.	Banho de descarga e amaci, seca e usa-se para defumação contra magia negra.
21	Fava de Jucá	Não tem emprego nas obrigações de ritual. No uso popular há um cozimento demorado, das cascas e sementes, coando e reservando em uma garrafa, quando houver fermentos.
22	Girassol	Oxalá, banho flor, defumação (sementes)
23	Jurema ou Casca Branca e Preta Folha	É preparado um vinho consumido em determinados trabalhos de catimbó, umbanda e em festas de caboclo dos candomblés, a qual tem por princípio ativo N,N-dimetiltriptamina, agindo no metabolismo das funções psíquicas, provocando alterações de humor, ansiedade, distorção na percepção de tempo, espaço, alucinações visuais do tipo onírico, despersonalização, além de outros efeitos.
24	Mulungu	São também usadas em determinadas situações ritualísticas, de ação hipnótica e tranqüilizante.
25	Obi	Fruto oferecido nas cerimônias aos Orixás.
26	Panacéia	Entra nas obrigações de ori e nos banhos de descarrego ou limpeza. O povo aponta como poderoso diurético e de grande eficácia no combate à sífilis, usando-se o chá. É indicada também no tratamento das doenças de pele, e ainda debelar o reumatismo, em banhos.

27	Pinhão-Roxo	Exu, os galhos são usados para limpeza de casa.
28	Romã	Banho de descarga, Inhasã.
29	Santa-Barbára ou Espada de santa Barbára ou Inhasã	Banho. Limpeza de casas, pertence à Inhasã.
30	São-Gonçalinho	Ogun, usada em todas as obrigações, como banho de defesa e descarrego. No Abó, limpeza de casas.

Sabemos o quanto é rico esse legado cultural deixado por nossos ascendentes africanos, e que para manter-se vivo precisou de muita resistência contra as opressões das classes dominantes. Esses fatos registrados na história parecem contribuir para que muitos ainda hoje “escondam” suas marcas ancestrais: cor da pele e religião.

Cenário observado quando um freguês aproximava-se de uma das barracas para comprar os seus produtos, na maioria das vezes, com uma listagem feita no papel. Tudo muito discreto, como se estivessem fazendo alguma coisa errada. E quando notavam que conhecíamos o provável conteúdo da lista, estes se afastavam um pouco da barraca, até que o vendedor entregasse os seus produtos. Em alguns momentos, os vendedores separavam o conteúdo da lista, dependendo do que fosse, e a critério do freguês. Mas outros vendedores já os traziam embrulhados, comunicando-se com o mesmo através de códigos.

Procuramos entender tal contexto, a partir das inúmeras interdições a que foram submetidos esses povos historicamente, mas como vimos, não foi um empecilho para que continuassem lutando a fim de conseguirem um lugar na sociedade, pois foram criados mecanismos para que não perdessem a sua identidade e praticassem a sua religião. Sobre isso, diz Prandi (2004), que esse contexto possibilitou, até meados do século XX, classificar a religião afro-descendente como religião de resistência.

Prandi (2003,2004) nos explica que a religião, mais especificamente o Candomblé, para que fosse cultuada nas fazendas dos senhores coloniais, pelos negros escravos, precisaram inserir elementos da Igreja Católica em sua manifestação para que pudessem expressá-las.

Em Belém do Grão Pará, em meados do século XX, no que diz Salles (2004), não foi diferente, havia um controle policial quanto à manifestação dos cultos afro-brasileiro, a partir do interventor, José Gama Malcher, que passou a relacionar o batuque¹⁴ à desordem. Chegando-se a fechar os terreiros¹⁵ e perseguir os pais e mães

¹⁴ Era uma dança que veio para o Brasil no período colonial, junto com os negros africanos.

¹⁵ Lugar onde se realizam as festas e cerimônias de religiões afro-brasileiras.

de santos¹⁶, que eram presos, caso continuassem a desobedecer à ordem vigente da época.

Fatos que nos permitem ainda hoje, discutir esses contextos históricos, a partir da lei 10.639/03, que visa além de incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, procura reverter essa realidade histórica, de discriminação¹⁷ e preconceito¹⁸ vivenciados por essas populações, que em alguns casos, ainda temem em dizer a religião e cor, as quais pertencem.

Não cabendo aqui tentar aprofundar a temática da religião afro-descendente, pois como vimos esta é muito complexa, merecendo uma atenção especial em um momento posterior, mas tentar, a partir de um breve resgate histórico, valorizar e respeitar uma cultura que pela falta de informação, na maioria das vezes é desrespeitada.

Considerações finais

Este artigo buscou entender, na maior feira livre da América Latina, o Ver-o-Peso, mais especificamente o setor das ervas, um pouco do que se constitui esse universo das relações étnico-raciais, por identificarmos que este espaço, por ausência talvez de informação, e/ou mais divulgação..., abriga um legado cultural africano, que precisa ser conhecido.

Observamos que as características fenotípicas destes feirantes, por exemplo, como a cor do cabelo, da pele, o formato do nariz... não é um fator levado em consideração pelos feirantes para dizerem se são ou não desta ou daquela etnia. Mas sim, o conhecimento que foi aprendido e que é compartilhado com os colegas de profissão, que vai desde o entendimento do nome e função de cada erva, até a maneira de como se deve conquistar um freguês. Este que é fundamental para a permanência do espaço, pois acredita na eficiência das ervas tanto para a cura e prevenção de doenças, como para tentar solucionar problemas amorosos, profissionais... além, de serem, por mais que tenham restrições em falar, utilizados nos rituais religiosos, afro-brasileiro, e em momentos especiais como a comemoração da festividade junina, principalmente véspera de São João e na passagem do ano novo.

A utilização das ervas para diversos fins, nos chamou atenção o fato de alguns dos feirantes assumirem-se como *Católicos ou extremamente Católicos*, ao perguntarmos se são simpatizantes ou praticantes de religiões de origem africana.

Esse fato nos possibilitou, ao longo do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, observar que alguns são reservados, uns possuem certo receio e outros até modificam o tom da voz quando o assunto é religião.

¹⁶ São as autoridades máximas do Candomblé.

¹⁷ Refere-se a atitudes que impedem membros de determinado grupo específico de terem determinados benefícios, direitos, recursos... que seriam acessíveis a outros. (Giddens, 2005).

¹⁸ Seriam idéias preconcebidas a respeito de um indivíduo ou de um grupo, que resistem a mudanças mesmo diante de novas informações, que muitas vezes podem ser positivos ou negativos. (Giddens, 2005).

“Admitir”, ter vergonha, não gostar de falar sobre o assunto... É um contexto que nos possibilitou entender e/ou associar a um momento de discriminação, preconceitos e perseguições que os adeptos da religião afro-brasileira sofreram ao longo da história, e que nos permitiu ainda hoje, verificarmos os reflexos desse cenário, por exemplo, no setor das ervas do mercado do Ver-o-Peso.

Mas, que também nos possibilitou identificar o quanto são contraditórios suas reações, à medida que alguns desses feirantes, mesmo não vendo nenhum problema de serem denominados de feiticeiros do mercado do Ver-o-Peso, verificamos que não gostam do termo. E mesmo admitindo não terem sofrido nenhum tipo de discriminação ou preconceito, acabam nos relatando atitudes de algumas pessoas, que eles acreditam serem de outras religiões, que passam pelo local, falando palavras desagradáveis. E como vimos, é uma consequência histórica, que está na hora de ser combatida.

Isso tudo é que nos permite refletir e pensar em novas medidas para discutir a temática de intervenção nesse novo cenário da história quanto ao respeito à diferença e à diversidade étnico-racial.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:

LOPES, Teresa Cristina, LIMA, Wilcléa da Costa; ALMEIDA, Jedna Kato Dantas de (Orientadora). Erveiros (as) do Ver-o-Peso, em Belém do Pará: um estudo etnográfico. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em:
<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Erveiros_do_Ver_o_Peso.pdf>. Acesso em: 2 Mai. 2010.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios étnicos**: O espaço dos quilombos no Brasil. In Renato Emerson dos Santos (Org). Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.115 a 126.
- AZEVEDO, Eliane. **Raça**: Conceito e Preconceito. Editora: Ática. Série Princípios. 2ª edição. 1990.
- BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**: introdução. Disponível em:
<<http://editoracontexto.com.br/files/livro/A%20invenção%20das%20raças>>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- CAMPELO. Marilu Márcia. Feira do Ver- o- Peso: cartão postal da Amazônia ou patrimônio da humanidade? **Revista Humanitas**, v. 18, n. 2, 2002. p. 149-170.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: Uma introdução à antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- LIMA. Maria Dorotéia de. **Ver-o-Peso**: patrimônio (s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Pará. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2008.
- DUARTE JÚNIOR. João Francisco. **O que é realidade**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo. Ática, 1978.
- FONSECA, Marcus Vinícius. **Educação e escravidão**: um desafio para a análise historiográfica. Revista Brasileira de História da Educação, n. 4 jul.-dez. 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schimidt, 1933.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Artmed, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 4. ed. Rio Janeiro: DP&A, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- MELO, Jacyara P. Lopes de. Feira da Cidade Operária. In: FERRETTI, Sergio (Org). **Reeducando o olhar**: estudos sobre feiras e mercados. São Luís: UFMA, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MORAES, Eneida de. **Aruanda**: banho de cheiro. Belém: Cejup/ Secult, 1997. 306 p. Edição Especial.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP& A, 2003. (Coleção: Passado presente).

MOTTA, Roberto. Paradigmas de interpretação das relações raciais no Brasil. **Estudos Afro-asiáticos**. Rio de Janeiro, n. 38, dez. 2000.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: Candoblé e Umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados** n. 18 (52), 2004.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**: Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v.3, n. 1, jun. 2003.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004. 250 p.

SANTOS, Sales Augusto dos. A lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10639/03. Brasília: MEC, 2005.

SOARES, Gysele Amanajás. “**Cante lá que eu canto cá**”: propriedade intelectual e proteção dos conhecimentos tradicionais: uma possibilidade de diálogo?: Reflexão sobre o caso dos erveiros e erveiras do Mercado do Ver- o- Peso. (*Mimeo*)

SOUSA, Jesus Rodrigues. Uma etnografia do Mercado do João Paulo. In: FERRETTI, Sergio (Org). **Reeducando o olhar**: estudos sobre feiras e mercados. São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS), 2000.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas** – Mato Grosso Sul, VI, n. 6, ano 4, nov. 2007.